



## Os caminhos possíveis para um Ceará de paz

O recrudescimento da violência urbana no Estado tornou-se assunto de primeira ordem. Reportagem mostra o que pensam pesquisadores sobre o assunto e apresenta projetos da Universidade que buscam construir uma cultura de paz

PÁGINAS 4 E 5

Peça *Todo camburão tem um pouco de navio negroiro*, do grupo Nós de Teatro, em apresentação no Grande Bom Jardim



## Pesquisa registra nomes populares de doenças PÁGINA 3

### Alunos novamente



Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) cria oportunidades para quem já é professor de garantir seu diploma de graduação

PÁGINA 7

### Artes marciais na UFC



Esportes de luta ganham espaço por meio de projetos de extensão realizados pelo Instituto de Educação Física e Esportes (Iefes) da UFC no Campus do Pici

PÁGINA 8

### Novas ações de inclusão



Com o início da aplicação de cotas para pessoas com deficiência, Universidade passa por adaptações e reforça medidas de inclusão desse público

PÁGINA 6

## EDITORIAL

### A contribuição da Universidade na construção de uma cultura de paz

Desde o início dos anos 2000, o Ceará tem enfrentado um recrudescimento da violência, que está diretamente relacionado ao crescimento do mercado de armas e drogas em seu território. Nos últimos meses, porém, a situação tem ganhado contornos mais graves, notadamente após as chacinas ocorridas em Fortaleza. A sociedade cearense encontra-se, então, diante do questionamento: quais são as saídas possíveis para este quadro? A Universidade Federal do Ceará não está alheia a esse debate e já vem, há bastante tempo, esforçando-se na busca de soluções para a violência, tanto através de pesquisas como por projetos de extensão. A edição de abril do *Jornal da UFC* dá espaço a essa discussão, apresentando alguns projetos que, embora em

pequena escala, têm contribuído para construir uma cultura de paz no espaço em que atuam.

Além desse tema, o *JUFC* apresenta as ações que vêm sendo desenvolvidas na Universidade diante do aumento do número de estudantes com deficiência na graduação, motivado pela adoção de cotas específicas para esse público. O jornal dá espaço também a uma pesquisa que tem catalogado os nomes populares de doenças, no intuito de facilitar a comunicação entre pacientes e médicos. E para quem se interessa por artes marciais, o *JUFC* mostra como funcionam os projetos que trabalham com esses esportes dentro da Universidade. Tenha um boa leitura! E para sugestões de pautas, escreva para [ufcinforma@ufc.br](mailto:ufcinforma@ufc.br).

## NOTAS

### RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

#### Projeto de professor da UFC é aprovado em edital da Royal Society, de Londres

RIBAMAR NETO



Projeto do Prof. José Capelo Neto consiste na fabricação de um equipamento para controle de cianobactérias em reservatórios

O Prof. José Capelo Neto, do Departamento de Engenharia Hidráulica e Ambiental da Universidade Federal do Ceará, teve um projeto aprovado no edital da Royal Society, uma das mais antigas e prestigiadas instituições científicas do mundo, fundada em 1660, em Londres, na Inglaterra.

Atualmente coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil: Recursos Hídricos, o docente foi contemplado com uma bolsa, a Newton Mobility Grants, para desenvolver pesquisas em conjunto com instituições

do Reino Unido. Quem colabora com o projeto é a Prof<sup>a</sup> Linda Lawton, da Universidade Robert Gordon (Escócia), pesquisadora de renome nas áreas de microbiologia, aquacultura e ciências marinhas. Concorreram na seleção estudiosos de países da África, Ásia e América Latina. Os vencedores garantiram recursos para financiar intercâmbios, visitas técnicas e viagens ao exterior.

O projeto do Prof. Capelo consiste na fabricação de um equipamento para controle de cianobactérias em reservatórios. A tecnologia, que será transferida

ao Brasil, é um método natural de tratamento de água sem aditivos químicos e com utilização energia solar. Segundo o professor, o Ceará é estratégico para os estudos por conta da alta incidência de raios solares durante o ano todo. "Devido ao aquecimento global e às mudanças climáticas, tivemos piora na qualidade das águas, com a proliferação de cianobactérias. Além de darem uma cor esverdeada à água, as cianobactérias oferecem riscos à saúde, porque produzem toxinas com sabor e odor para a água, provocando aquele gosto de terra nos peixes", explica.

### #MOVIMENTOUFC

#### Campanha defende valorização das universidades públicas

Foi lançada no último mês de março a campanha #MovimentoUFC, que tem por objetivo engajar a sociedade na luta pela valorização das universidades públicas e chamar a atenção para o impacto da UFC no desenvolvimento do Estado e do País. A iniciativa surge diante de um momento de cortes e contingenciamentos orçamentários e de ameaças à autonomia dessas instituições.

A campanha destaca que, conforme o último relatório Pesquisa no Brasil, disponibilizado em março pela Clarivate Analytics à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), todas as 20 universidades que "mais produzem conhecimento científico relevante" no País são públicas. O #MovimentoUFC convida, portanto, estudantes, ex-alunos, servidores docentes e técnico-administrativos (ativos ou aposentados), artistas, cientistas e qualquer cidadão que tenha ou teve alguma relação com a UFC a participar da campanha e a fazer uma defesa das universidades.

Vídeos de até 1 minuto, gravados até mesmo pelo celular, serão recebidos através do e-mail [ufcinforma@ufc.br](mailto:ufcinforma@ufc.br). Além disso, já foram disponibilizados temas de avatares exclusivos da campanha para perfis pessoais no Facebook (basta procurar por Movimento UFC no campo de busca de temas para avatares). Ao longo da campanha, outros produtos serão ofertados.

## EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DA UFC: REITOR: Henry de Holanda Campos. VICE-REITOR: Custódio Almeida. COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL: COORDENADOR: Nonato Lima. COORDENADOR-ADJUNTO: Chico Neto. ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: Italo Gurgel. EDIÇÃO: Hébely Rebouças e Sérgio de Sousa. TEXTOS: Carmina Dias, Cristiane Pimentel, Hébely Rebouças, Marco Fukuda e Marcos Robério. REVISÃO: Alana Barros, Rogeria Batista Vasconcelos e Sílvia Marta Costa. FOTOS: Jr. Panela, Ribamar Neto e Viktor Braga. DIAGRAMAÇÃO: David Motta, Norton Falcão e Paulo Jales. EXPEDIÇÃO: Eliane Gurgel, Andrea Fonteles e Vicente Oliveira. IMPRESSÃO: Imprensa Universitária. TIRAGEM: 5.000 exemplares.

REDAÇÃO: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza-CE - CEP: 60020-181 - [ufcinforma@ufc.br](mailto:ufcinforma@ufc.br)  
FONES: (85) 3366 7330 - 3366 7331 - 3366 7938

## VOCABULÁRIO DE ENFERMIDADES

# Da “pilora” ao “dordói”: pesquisa registra nomes populares de doenças no Ceará

Iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação tem por objetivo gerar um vocabulário de termos que possibilite a melhora na comunicação entre médicos e pacientes



ILUSTRAÇÃO: PAULO JALES

**D**e defruço ninguém morre, dizem, mas dele não há quem escape. Chanha quase todo mundo já teve, principalmente quando menino. E, morando no Ceará, é bom se hidratar bem para não acabar tendo uma pilora por conta da quentura. Os termos podem soar familiares para alguns, mas, para outros, podem gerar grandes mal-entendidos. Trata-se, na verdade, de nomes populares de doenças aqui no Estado, que começam a ser catalogados por meio de um estudo em curso na UFC.

Conduzida pela Prof<sup>a</sup> Virgínia Bentes, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, a pesquisa que está coletando esses termos propõe a construção de um vocabulário de nomes populares das enfermidades, indicando sua relação com a terminologia da área de saúde. A pesquisa, aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), conta com o Prof. Henry Campos, reitor da UFC, como consultor médico.

O objetivo é facilitar a comunicação entre médicos e pacientes, reduzindo a possibilidade de equívocos durante o processo de anamnese, momento em que o médico conversa com o enfermo e faz sua primeira avaliação.

Iniciada em 2014, a pesquisa teve como ponto de partida um levantamento dos nomes

populares de doenças em fontes terminológicas especializadas, como livros e dicionários de termos médicos. Em seguida, veio a etapa de campo, que, nessa primeira fase do estudo, foi feita em comunidade indígenas. Foram realizadas entrevistas com lideranças e pessoas de consolidado saber dessas populações no Ceará. Integraram o estudo os índios tremembés (Itarema e Acaraú), tapebas (Caucaia), pitaguaris (Maracanaú e Pacatuba) e jenipapos-canindés (Aquiraz).

“Isso é um registro histórico e pode ser muito útil para estudos dessas comunidades, na abordagem médica delas. É, de certa forma, pioneiro no Brasil e, sem dúvida, um instrumento de trabalho importante, porque a comunicação é fundamental na relação médico-paciente”, avalia o reitor Henry Campos.

## DIFICULDADES

Logo nas primeiras conversas, veio a constatação das dificuldades de comunicação durante consultas de saúde, como afirma o Prof. Hamilton Tabosa, do Departamento de Ciências da Informação, integrante da equipe de pesquisadores. “Eles nos relataram que o médico só entendia o que tinham quando havia algo que pudesse ser visto, como um sinal, uma vermelhidão”, explica.

Outro fator gerador de mal-entendidos estava na

ocorrência de polissemias. “Vimos que o mesmo nome poderia significar doenças diferentes, por exemplo, constipado, que quer dizer tanto nariz entupido quanto prisão de ventre”, declara a Prof<sup>a</sup> Virgínia Bentes.

Até agora já são mais de 400 termos registrados. A origem exata de cada termo ainda não foi determinada pela equipe, mas uma característica vista em comum é a doença ser nomeada a partir de seus sintomas. Dentro dessa lógica, dispepsia vira arroto choco, anemia vira amarelo empombado, ruptura do tendão vira pedrada na batata da perna e torção da alça intestinal vira nó na tripa gaiteira. “Eles adotam essa linguagem própria e não enxergam esses termos de forma humorística”, avalia o Prof. Hamilton Tabosa.

## NOVAS ETAPAS

O estudo segue em andamento ao longo deste ano e a proposta é expandir o trabalho de campo com outros públicos, como rendeiras e pescadores. “A ideia é criar um glossário que facilite essa interlocução do médico com a comunidade”, prevê Hamilton Tabosa.

A criação de um site para livre consulta dos termos e sua respectiva denominação no Código Internacional de Doenças (CID 10) também estão nos planos dos pesquisadores.

• **CRISTIANE PIMENTEL**

**TERMOS POPULARES**

- Pustema** – inflamação na pele
- Curuba** – micose
- Papoca** – afecção purulenta da pele
- Estalecido** – rinite alérgica
- Fininha** – diarreia
- Pilora** – desmaio
- Defruço** – gripe
- Chanha** – micose
- Landra** – aumento dos gânglios de defesa
- Russara** – urticária
- Desmentidura** – contusão ou luxação
- Dordói** – tipo de conjuntivite não especificada
- Maleita** – malária
- Mirose** – virose

VIKTOR BRAGA



Prof<sup>a</sup> Virgínia Bentes conduz a pesquisa



INFÂNCIA E JUVENTUDE

## AS SAÍDAS POSSÍVEIS PARA UM CEARÁ DE PAZ

Peça *Todo camburão tem um pouco de navio negroiro*, do grupo Nós de Teatro, em apresentação no Grande Bom Jardim, onde a UFC possui cerca de 30 projetos ativos

**Novo cenário de violência no Estado impõe desafios à sociedade e exige ações integradas. Saiba como a UFC contribui na busca de soluções para o problema e na luta por uma cultura de paz**

Nos últimos anos, o Ceará tem assistido ao aumento de ações violentas. Só em 2017, foram 5.114 homicídios, segundo dados da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado. Chacinas têm agravado o quadro. Em março, uma delas deixou sete mortos no bairro Benfica, em Fortaleza. Ataques a ônibus e prédios públicos acentuam o problema. Para entender esse cenário, porém, é necessário ir mais a fundo.

O Estado vivencia, desde o início dos anos 2000, uma escalada de violência, com inovações nos mercados ilegais de armas e drogas e intensificação de conflitos territoriais e articulações entre traficantes locais, explica o Prof. Luiz Fábio Paiva, integrante do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da UFC.

Nesse processo, novas armas e outros estilos de “acerto de contas” foram criados. As chacinas seriam a face mais perversa de um sistema de vingança que atinge envolvidos e não envolvidos em práticas criminosas.

O modelo de segurança pública, na avaliação de Paiva, segue centrado no policiamento ostensivo e

incremento de equipamentos, algo que, segundo o pesquisador, não acompanha as novas dinâmicas do crime.

“Essa ideia é um equívoco que evidenciamos em nossas pesquisas, pois segurança só é possível com investimentos transversais em áreas estratégicas”, diz Paiva, acrescentando que a falta de acesso efetivo da população a trabalho, educação, cultura, lazer, saúde e justiça cria o ambiente propício ao recrudescimento da violência.

Ainda segundo o professor, é preciso concentrar-se em ações voltadas para a infância e juventude, intensificando-se o funcionamento de estruturas de governo já existentes.

### PAPEL DA UFC

Nessa linha de atuação, a UFC tenta contribuir por meio de projetos voltados para públicos em situação de vulnerabilidade. O desafio, no entanto, é articular e integrar essas ações para que elas tenham maior alcance e efetividade.

Exemplo disso é uma parceria negociada entre a Universidade e o Centro Cultural do Grande Bom Jardim, na Capital. No local, marcado pelo estigma da violência,

*“Não é possível realizar sem boa vontade e disposição para aproximar, ouvir e desenhar outras convivialidades, baseadas em valores de uma democracia que defende a dignidade da pessoa”, orienta Paiva.*

a UFC possui cerca de 30 projetos ativos, segundo a Pró-Reitoria de Extensão. A intenção, para os próximos anos, é que a UFC atue ainda mais intensivamente na região.

Em março, um grupo de 38 professores de várias áreas do conhecimento se reuniu para discutir como integrar e potencializar essas ações. Em abril, a equipe irá pessoalmente ao Grande Bom Jardim escutar as demandas da comunidade.

“O papel da extensão é estar em permanente diálogo com as comunidades. A Universidade tem uma perspectiva mais crítica, mais teórica, que precisa dialogar com a vida como ela é”, enfatiza a pró-reitora de Extensão, Prof<sup>a</sup> Márcia Machado. • **MARCOS ROBÉRIO E CARMINA DIAS**



### Outras faces do LEV

Além de pesquisas relacionadas à violência, o LEV também desenvolve o projeto de extensão *Traficando Saberes*, com foco em jovens em cumprimento de medida socioeducativa. A primeira edição ocorreu no Jangurussu e a segunda, no Bom Jardim.

As atividades contam com oficinas para promoção dos direitos humanos em escolas e equipamentos públicos, debates com segmentos da sociedade civil e governos, além de grupo de estudo aberto à comunidade.

O projeto é desenvolvido em parceria com o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza e o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente.

**Contato:** O LEV fica na área 1 do Centro de Humanidades, no Campus do Benfica. E-mail: levufc@gmail.com



## Grupo Vieses: envolvendo a juventude por meio da cidadania, escuta e arte

RIBAMAR NETO



O Vieses promove atividades com jovens da periferia, famílias que perderam parentes para a violência e profissionais da Rede Cuca

Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de assassinatos de pessoas com idades de 12 a 18 anos, de acordo com o Índice de Homicídios na Adolescência 2014, divulgado no ano passado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). A predominância é de crianças e adolescentes negros e moradores de bairros periféricos. Colaborar para a mudança dessa realidade está entre os objetivos do Vieses – Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetividades.

O projeto é vinculado ao Departamento de Psicologia e à Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Sob coordenação do Prof. João Paulo Pereira Barros, o Vieses desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão. Nesta última área, estão em curso três projetos: Re-Tratos da Juventude, Histórias Desmedidas e Entretantos.

As ações começaram na Capital em 2015, na Barra do Ceará, e depois passaram a contemplar outros dois bairros: Jangurussu (2016) e Mondubim (2017). A partir de 2018, o Bom Jardim será incluído.

***Prevalece no senso comum a ideia de que os jovens estão em conflito com a lei, mas é preciso ver até que ponto “a lei está em conflito com os jovens”, diz o Prof. João Paulo***

O Re-Tratos da Juventude trabalha com três públicos. Com jovens, são realizadas rodas de conversa e oficinas focadas em direitos humanos; com familiares que perderam jovens para a violência, é feito um trabalho de apoio psicossocial, em parceria com a Defensoria Pública do

Estado; com profissionais da Rede Cuca, da Prefeitura de Fortaleza, é promovida uma formação nas áreas de direitos humanos e saúde.

Já o Histórias Desmedidas atua com adolescentes que cometeram atos infracionais. “Escutando-se suas trajetórias, percebe-se quanto são vítimas de violações de direitos”, diz o Prof. João Paulo. Nos encontros no Cuca da Barra do Ceará, com aqueles que estão em regime aberto, são tratados temas propostos por eles, como profissionalização, projetos de futuro, relações com a sociedade.

O projeto Entretantos, por sua vez, promove o mapeamento de coletivos que fazem resistência à violência nos bairros periféricos por meio da arte e cultura. Busca entender como funcionam suas expressões – saraus, música, dança – e estimula sua articulação.



## Para construir uma cultura de paz

Não basta ser contra a violência: há que se fomentar a paz e a harmonia na sociedade. Na Faculdade de Educação (Faced) da UFC, o Grupo Cultura de Paz, Juventudes e Docentes, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Kelma Matos, vem promovendo esse trabalho. Além de pesquisa e ensino, o grupo desenvolve o projeto de extensão Educação para a Paz, aberto à comunidade e com expressiva participação de docentes da rede pública.

Como grupo de pesquisa, a equipe realiza, desde 2012, o Seminário de Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade – evento que é referência nacional na área – além de workshops, teses, dissertações e publicações de trabalhos acadêmicos.

No último seminário, realizado em dezembro, entre os inscritos estavam 120 professores da rede pública de ensino de Fortaleza que participaram de oficinas sobre cultura de paz e se interessaram nas ações de extensão, tornando-se potenciais multiplicadores de transformações em suas escolas e na sociedade.

Na área da extensão, o projeto Educação para a Paz, oficializado em 2016, atualmente desenvolve quatro atividades: o curso Vivendo Valores em Educação (Vive), o curso de Educação em Valores Humanos (EVH) – Sistema Sathya Sai, o curso Mandalas Huichol e a aplicação de reiki (terapia oriental).

A Prof<sup>a</sup> Kelma ressalta que “o conceito central do trabalho do grupo é o da cultura de paz, entendida por uma ótica positiva, que se fundamenta na defesa dos direitos humanos, promoção da democracia e da justiça social”. As ações do grupo são uma forma de a Universidade contribuir com a sociedade para “a construção, a cada minuto, da cultura da paz, do respeito e da igualdade”.

Informações sobre os cursos: [ufcculturadepaz.webnode.com.br](http://ufcculturadepaz.webnode.com.br).



## UFC assina termo para realização de seminário sobre segurança pública

A UFC também está envolvida no I Seminário Internacional de Segurança Pública do Estado do Ceará, a ser realizado de 4 a 6 de junho, em parceria com a Assembleia Legislativa, a Uece e a Unifor. O objetivo é ampliar e dar visibilidade à discussão sobre alternativas para o problema da violência no Brasil, com ênfase no Ceará. O termo de cooperação para a organização do evento foi assinado, em março, pelo reitor Henry de Holanda Campos.

“O poder de influência da Universidade na comunidade é muito grande, tanto que somos os primeiros a ser chamados quando iniciativas como

o Ceará Pacífico, da qual também estamos participando, saem do papel”, considerou o reitor. Para saber detalhes sobre o seminário, acesse [bit.ly/segurancaufc](http://bit.ly/segurancaufc).

### CADA VIDA IMPORTA

O Movimento Cada Vida Importa: a Universidade na Prevenção e no Enfrentamento à Violência no Ceará é outra ação de engajamento da UFC na área da cultura de paz. Iniciado em fevereiro deste ano, já tem a adesão de 11 instituições de ensino superior (IES) da Capital e do Interior. A mega-articulação resultou no primeiro seminário

desse movimento, no dia 23 de março, na Universidade de Fortaleza (Unifor).

“A intenção do movimento é centrar-se em ações preventivas, contribuindo para a diminuição das diversas expressões da violência e da violação de direitos”, explica a Prof<sup>a</sup> Ângela Pinheiro, do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança (Nucepec).

O grupo tem promovido forte articulação com movimentos sociais. Em 27 de abril será realizado, na UFC, o segundo seminário do movimento. Outros estão programados para maio, em datas a serem divulgadas.

APÓS COTAS

# O desafio de incluir pessoas com deficiência

A adoção de cotas pela UFC para pessoas com deficiência, através do SiSU, exigiu da Instituição uma série de adaptações. Saiba o que tem sido feito

JR. PANELA



Aluna com deficiência visual é atendida pelo reitor Henry Campos na realização de sua matrícula em curso de graduação

O ano de 2018 ficará marcado por uma nova e importante mudança no perfil do corpo discente na UFC. O motivo? O aumento no número de estudantes com deficiência na graduação, ocasionado pela adoção de cotas específicas para esse público. Historicamente excluídos, cegos, surdos, cadeirantes e jovens com outros tipos de limitação na mobilidade têm agora mais chances de ingressar na universidade, aprender uma profissão e romper preconceitos.

A novidade tem exigido que a Instituição se adapte para acolher esses estudantes e lhes garantir uma formação acadêmica de qualidade. Segundo a diretora da Secretaria de Acessibilidade UFC Incluir, Prof<sup>a</sup> Vanda Leitão, o momento é de transição. As ações já existentes deverão ser ampliadas, mas há novidades já previstas pela gestão.

De acordo com a Prof<sup>a</sup> Vanda, uma das propostas é descentralizar o atendimento aos alunos, que hoje têm como principal referência a Secretaria UFC Incluir, no Campus do Benfica. Serão montados, por exemplo, polos de acessibilidade em pelo menos nove bibliotecas da UFC, na Capital e no Interior,

para dar suporte na oferta de materiais adaptados, digitalizados e traduzidos em braille.

## 131

*candidatos com deficiência entraram na UFC em 2018 pela chamada regular do SiSU*

A UFC já deu início ao processo de aquisição de novos equipamentos, como scanners de alta definição, computadores e softwares específicos para cegos e surdos e leitores autônomos.

Também está em curso o processo de contratação de até cinco intérpretes da língua brasileira de sinais (libras) em 2018, que se juntarão a um time de 12 intérpretes em atuação, hoje, nos campi de Fortaleza e do Interior.

Adaptações na estrutura física têm sido realizadas e outras deverão ser feitas a partir de novas demandas identificadas. Em janeiro deste ano, na operação Volta às Aulas, houve reparos em rampas e adaptação de banheiros para tor-

na-los acessíveis, além de pinturas nos estacionamentos sinalizando vagas para cadeirantes e aquisição de plataformas e elevadores.

### SENSIBILIDADE

Há um aspecto do processo de adaptação da UFC, no entanto, que nada tem a ver com compra de materiais ou oferta de serviços. Trata-se de uma face relacionada à sensibilização de professores e colegas de turma para pensar soluções pedagógicas que garantam que o estudante com deficiência tenha a mesma formação dos demais alunos, seja qual for o curso.

“Ao saber que terão um aluno com deficiência, muitos professores entram em pânico, porque não sabem como agir, nunca estiveram naquela situação. A sugestão que sempre dou é: escute esse estudante. Busque o contato, peça a ajuda dele para encontrar soluções, procure entender suas demandas. Muitas vezes, a solução sai dessa conversa. E conte com a Secretaria de Acessibilidade para contribuir na busca por alternativas”, orienta a Prof<sup>a</sup> Vanda Leitão.

• HÉBELY REBOUÇAS



### Um diálogo mais direto e personalizado

Após várias experiências com grandes seminários e eventos coletivos, a Secretaria de Acessibilidade da UFC adotou uma nova estratégia: em 2018, quer conversar mais diretamente com as diferentes unidades acadêmicas. O entendimento é o de que diferentes perfis de cursos exigem diferentes soluções no quesito acessibilidade, o que requer uma interlocução mais personalizada.

No início do ano, um encontro entre a equipe da secretaria e professores e gestores do Instituto de Ciências do Mar (Labomar) ilustrou bem a nova estratégia. “Foi extremamente produtivo. Os professores foram bastante francos, expuseram suas dúvidas sobre como lidar com essa situação”, afirmou a diretora do Labomar, Prof<sup>a</sup> Oziléa Menezes.

Segundo Oziléa, a sensibilização para a causa partiu dos próprios alunos. A política do “apadrinhamento”, na qual veteranos “adotam” até quatro novatos para dar suporte e auxiliar nas atividades do dia a dia, foi adaptada: alunos com deficiência recebem até dois “padrinhos” – e estes, ao adotarem uma pessoa cega, surda ou cadeirante, ficam responsáveis por uma quantidade menor de calouros.

Segundo a Prof<sup>a</sup> Vanda, o diálogo com as unidades acadêmicas e a definição de “agentes de acessibilidade” – pessoas responsáveis por fazer, voluntariamente, a mediação das demandas desse público com a secretaria e com a gestão de cada unidade acadêmica – devem ser uma marca neste ano.



DAVI PINHEIRO

## PARFOR

# Programa nacional garante graduação a quem já ensina na educação básica

UFC oferta, através do programa, o curso de licenciatura em Pedagogia desde 2016. Hoje, 312 inscritos assistem a aulas em 19 polos, em Fortaleza e no interior do Estado



Alunas do Parfor têm a oportunidade de colocar em prática, na sala de aula, os ensinamentos obtidos na graduação

Principal levantamento educacional do País, o Censo Escolar 2017 foi divulgado em fevereiro deste ano e trouxe dados relacionados à capacitação docente que chamam a atenção: dos 2,2 milhões de professores no Brasil, 25,8% não têm licenciatura como formação superior. Outros 15% só cursaram o ensino médio e 0,3% completou apenas o ensino fundamental. Investir na formação docente é, portanto, uma demanda urgente.

Na Faculdade de Educação (Faced) da UFC, uma iniciativa tenta melhorar esse quadro: o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor). Mais de 300 professores do Ceará participam do programa, que oferece graduação presencial para docentes da rede pública.

Desenvolvido através de parceria entre a Faced e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Parfor é um programa nacional que propicia licenciatura para docentes e tradutores e intérpretes de libras em exercício que não tenham formação superior e, ainda, para aqueles já licenciados, mas que atuam em área distinta de sua formação inicial.

A UFC aderiu ao Parfor em 2014 e iniciou em 2016 suas atividades com a oferta do curso de licenciatura em Pedagogia. Hoje,

tem inscritos 312 alunos, que são professores efetivos e temporários de escolas municipais e estaduais de 160 municípios cearenses. Eles assistem a aulas em 19 polos, distribuídos entre a Capital e o Interior.

**As aulas são ministradas no período noturno, nos fins de semana e mesmo nas férias escolares**

Coordenadora do Parfor na UFC, a Prof<sup>a</sup> Adriana Braga destaca a capilaridade do programa. “O curso tem a mesma natureza do ofertado aqui na UFC. Porém, em vez de o aluno vir assistir às aulas, nós vamos até ele. Há professores que se deslocam cerca de 100 quilômetros para estudar, então, ao irmos a esses lugares distantes, sabemos que o Parfor está proporcionando vida nova para aquela pessoa”, avalia.

As aulas são ministradas no período noturno, nos fins de semana e mesmo nas férias escolares; tudo para que esse docente tenha mais flexibilidade nos horários na graduação e não se afaste do contato direto com os alunos.

Um resultado é a conquista de um alunado de Pedagogia mais experiente. “Temos professores de diversas formações e esse leque é que vai engrandecendo o trabalho.

É bom escutar os depoimentos deles e ouvir alguns alunos dizendo: ‘Ai, meu Deus, como eu fazia isso e não tinha a fundamentação teórica!’. Então, o Parfor pega a prática do professor para que possa ser fundamentada na teoria”, afirma Raimunda Oliveira, coordenadora do polo do Parfor em Fortaleza.

## INSCRIÇÃO

Para integrar o Parfor, o professor realiza sua inscrição na Plataforma Freire, disponibilizada no site da Capes, e as secretarias de educação estaduais ou municipais validam ou não a participação daquele docente. Segundo dados da Capes, até o fim de 2016, haviam sido formados mais de 34 mil professores e outros 36 mil estavam com o curso em andamento em todo o Brasil. Apesar dos números vultosos, a demanda por formação docente ainda é expressiva.

Reverter esse cenário é um dos maiores objetivos do Parfor, ressalta Joatan Santos, coordenador do polo do programa em Maracanaú. “Considerando-se a fragilidade histórica de nossa formação docente, é um programa fundamental para essa reparação, principalmente no interior e região metropolitana, tão carentes de perspectivas educacionais e culturais, apesar dos esforços governamentais das últimas décadas”, afirma.

• **CRISTIANE PIMENTEL**



## Ser aluna outra vez



Sair de casa cedinho, às 6h, pegar duas topiques e percorrer cerca de 60 quilômetros, distância que separa Guaraciaba do Norte de Tianguá. Esse é o roteiro dos fins de semana de Erlânia Soares (foto), aluna do polo do Parfor em Tianguá. Além do deslocamento, a professora intérprete de libras na Escola de Ensino Fundamental e Médio Farias Brito, em São Benedito, enfrenta outro obstáculo: os custos com transporte, que chegam a R\$ 60,00 por semana. Nada disso desanima Erlânia, que vê na empolgação da turma o maior incentivo. “Até chorei de emoção quando soube que ia fazer o Parfor. É uma oportunidade muito boa e a turma é muito unida”, relata.

Alfabetizadora, a Prof<sup>a</sup> Ana Cristina Teixeira dedica-se há 23 anos a desvendar a magia das primeiras letras para crianças da Escola Municipal José Carlos de Pinho, em Fortaleza. Após décadas no magistério, ela entra na universidade pela primeira vez. “Hoje, vejo que tenho mais proveito do que se tivesse começado a graduação quando terminei o ensino médio, porque tudo que aprendemos aqui, a gente aplica na sala de aula”, reflete.

## PROJETOS DE EXTENSÃO

# A arte milenar das lutas marciais em prática na UFC

Bem-estar, disciplina e sabedoria: conheça as vantagens das artes marciais, que ganham espaço em projetos do Iefes, no Pici

Um grupo de jovens se exercita com movimentos firmes e energéticos, como se estivesse em combate. O treino alterna sequências de golpes aplicados no ar e posições de defesa. Apesar do cansaço, os praticantes se responsabilizam pela limpeza do dojô, local da prática das atividades. Assim, o universo das artes marciais e a cultura milenar do Oriente estimulam projetos de extensão no Instituto de Educação Física e Esportes (Iefes) da UFC.

O aperfeiçoamento físico, mental e intelectual é o resultado obtido por quem pratica artes marciais, desenvolvidas a partir de antigas técnicas de treinamento militar até assumirem a forma moderna de esportes de luta.

Segundo o Prof. João Airton Pontes, do Curso de Educação Física da UFC, coordenador do projeto Lutas em Foco, além de promover bem-estar e ensinar defesa pessoal e autoconhecimento, “o esporte de luta dá tranquilidade de espírito e sabedoria para enfrentar adversidades”.

Para o docente, que é faixa preta em caratê, essas modalidades trazem impactos positivos também quando aplicadas no ambiente escolar. “O fator primordial de todo esporte é a socialização. Esporte é para unir e para educar. Há regras, respeito mútuo, respeito às individualidades biológicas”, reflete.

O projeto Lutas em Foco, ativo há cinco anos na UFC, recebe 50 participantes interessados em aprender os fundamentos do muay thai. O instrutor do projeto, Tiago Freitas Maia, é aluno

do oitavo semestre de Educação Física da UFC. Como atleta universitário, já foi campeão cearense, regional (Norte/Nordeste) e brasileiro, além de ter representado a UFC no exterior, na categoria boxe chinês, na edição de 2017 do campeonato mundial Universiade, em Taiwan.

**“O esporte de luta dá tranquilidade de espírito e sabedoria para enfrentar as adversidades”**

Praticante de outras modalidades, como kickboxing e MMA, Tiago acredita que as artes marciais podem influenciar positivamente. “As pessoas se tornam mais calmas e concentradas”, avalia.

## JUDÔ

Ainda no campo das artes marciais na UFC, o projeto de extensão Iniciação ao Judô: Judô para Todos começou as atividades em 2012, concebido pela Profª Adriana Inês de Paula. No princípio, tinha como público-alvo pessoas com deficiência física e sensorial e se somava a outras ações com esportes adaptados.

Desde 2014, o projeto é coordenado pela Profª Luciana Fernandes Silva, do Curso de Educação Física, que também ministra disciplinas de caratê e capoeira. Segundo ela, a principal meta não é o aspecto competitivo, mas a promoção do esporte educacional. “A prática do judô para crianças, quando

iniciada de forma coerente, contribui para sua evolução cognitiva, socioafetiva, moral e psicomotora”, explica.

Para William Bonner dos Santos, estudante do sexto semestre de Engenharia de Alimentos da UFC e judoca faixa azul, o judô é um lugar para facilitar encontros entre amigos e familiares e vencer o sedentarismo. “O momento mais feliz da semana é quando estou no tatame. Quando entrei no judô, pesava 115 quilos e hoje estou com 84 quilos. Então tive qualidade de vida, saúde, mudança de alimentação e perda de peso”, celebra. • MARCO FUKUDA



## SERVIÇO

### Projeto Iniciação ao Judô: Judô para Todos

Quando: segundas, quartas e sextas-feiras, das 12h15min às 13h45min  
Onde: sala de lutas do Iefes, no Campus do Pici Prof. Prisco Bezerra  
Instrutora: Rafaella Bôto ([rafa.boto@hotmail.com](mailto:rafa.boto@hotmail.com)) / fone: 85 99739 4807)  
Outras informações: além de atenderem pessoas com deficiência, as atividades são gratuitas e abertas a estudantes, servidores e pessoas da comunidade externa, a partir de 16 anos.

### Projeto Lutas em Foco/Muay Thai

Quando: terças e quintas-feiras – das 12h15min às 13h30min  
Onde: Ginásio Poliesportivo do Iefes, no Campus do Pici Prof. Prisco Bezerra  
Coordenador: Prof. João Airton Pontes ([airtonpontes@bol.com.br](mailto:airtonpontes@bol.com.br)) / fone: 85 98867 8093)  
Outras informações: as atividades são gratuitas e abertas a alunos e servidores da UFC, bem como a pessoas da comunidade, a partir dos 12 anos de idade.

## Mudança na personalidade



“Sempre tive vontade, mas não tinha condição financeira. Quando soube que o projeto era gratuito, achei muito interessante. Comecei a praticar e rapidamente percebi uma mudança muito significativa na minha personalidade e na minha forma de falar.”

**Jonhson Mota, aluno do quarto semestre de Engenharia Elétrica e praticante de muay thai.**

## Valores que se constroem



“Quando era mais nova, achava que valores como amizade, respeito, honra, sinceridade, confiança e autocontrole eram o que o judoca precisava ter para poder ser atleta. Hoje, vejo que isso é o que judoca constrói com o treinamento, é isso que ele adquire treinando.”

**Rafaella Bôto, instrutora do projeto Iniciação ao Judô: Judô para Todos, faixa preta no esporte.**